

## UMA UNIVERSIDADE AO SERVIÇO DA CIDADE

### INTRODUÇÃO

Se eu conseguisse um método didáctico teria diante de mim uma tarefa que sistematizaria em três etapas:

Haveria que tentar clarificar o que se entende hoje por Universidade;

haveria que esboçar as grandes questões que caracterizam a cidade hoje;

e finalmente haveria que aprofundar a noção de serviço.

Há muitos anos teve lugar em Portugal o I e único Congresso dos universitários católicos que preparámos durante dois anos.

Falávamos de Universidade - e a definição era clara, escorria pela história desde a Idade Média, e não imaginávamos sequer uma Universidade que não cobrisse todos os domínios do conhecimento e que não fosse genuinamente universal.

Descrevíamos a urgência da sua presença na sociedade - aparecíamos como indispensável o seu lugar de irradiação do saber, de liderança dos processos sociais, de estímulo da vida cultural e científica, de desenvolvimento das artes e das tecnologias.

Tudo isso víamos como o serviço inerente à dívida que os estudantes haviam contraído para com a sociedade. Mas, mais ainda do que essa contabilidade evidente, o serviço da Universidade à cidade tinha para nós o rosto das mudanças que em todos os domínios era necessário realizar. Se abandonávamos a acção exclusiva de apoio directo aos pobres - que caracterizara as gerações universitárias da primeira metade do século XX,

formadas pelo espírito generoso de Frederico Ozanam - era porque nos movia a convicção de que era possível mudar as estruturas sociais e criar novas condições para a existência humana.

Entretanto decorreu a segunda metade do século XX, essas décadas em que o espírito humano, na continuidade de grandes aberturas das primeiras décadas do século, deu saltos espectaculares na interpretação dos fenómenos, na criação em todos os domínios, na articulação de todos os saberes. E com essa revolução do pensamento e do saber, mudou também a própria forma como penso lidar com o tema deste Forum.



Fundação Cuidar o Futuro



## I - OS CLÁSSICOS TÊM UM SÉCULO!

É a essa constatação - que considera o século XX como o tempo em que a humanidade foi mais longe do que em todo o seu percurso histórico - que se deve o que a meus olhos modifica a missão da Universidade no seio da cidade. Referi-la-ei a partir ou fazendo ressaltar as mudanças de paradigmas em que estamos a viver.

É hoje claro que *a história não é linear*. É hoje também claro que a sua evolução corresponde a bifurcações decisivas em momentos singulares, algumas conduzidas deliberadamente, outras tidas por vezes como resultado do acaso.

E, no entanto, a aprendizagem de qualquer sector do saber e do saber-fazer continua, quase sempre, a seguir placidamente o caminho de uma evolução lógica, sequencial e dedutiva.

### Fundação Cuidar o Futuro

Se a história não é linear, o ponto de entrada para o estudo, a aprendizagem, a compreensão dos fenómenos não pode situar-se fora da história, numa intemporalidade inexistente.

Para encontrar o seu lugar na cidade *a Universidade tem de partir da sua contemporaneidade*, não perder tempo a percorrer uma história exactamente pelos caminhos que víamos na perspectiva linear.

A grande aventura da Universidade é sair da prisão da reprodução social em que se enterra tempo e dinheiro e ousar olhar de frente o novo que está diante de si para, a um tempo, entender como se chegou onde estamos e ser capaz de dar novos passos.

Vou sonhar o que seria essa aventura...



Comecemos a Física pelos grandes debates do séc. XX - tentemos compreender se Einstein estava no caminho certo `a procura da equação que explicaria o mundo ou se, pelo contrário, as teorias do caos nos conduzem a soluções parcelares. Tentemos então refazer em flashback os caminhos de Heisenberg, de Max Planck, de Maxwell, de Newton até aos começos da Física.

Comecemos a Biologia pelas grandes questões da engenharia genética e um a um desenrolemos os fios do novelo de uma ciência que definitivamente eliminou a distinção entre a investigação pura e a investigação aplicada, até encontrarmos as primeiras experiências da biologia molecular.

Comecemos a Literatura por uma imersão total nos "grandes livros", sem preocupações de categorias como se tudo fosse também um universo de ondas electromagnéticas e depois, pouco a pouco, tentemos descobrir as frequências, as modulações, os significados desses significantes - os tempos, os lugares, os contextos, os costumes, as linguagens, os valores.

Comecemos a Sociologia pelas questões de que se fala todos os dias e que determinam a vida dos humanos hoje e tentemos compreender, etapa por etapa, como tudo era explicado quando as coisas eram mais simples e como à medida que foi necessário integrar novos factores surgiram mais adequados instrumentos e novas teorias.

(tive ocasião há uns meses de ouvir de uma jovem universitária uma resposta que me confirmou nesta perspectiva; à minha pergunta ....que me respondeu que foi a partir do rock'and roll que foi até ao jazz e daí à música clássica...)

É de um gigantesco processo de flashback que estou a falar. Seria assim que à partida eu veria a inserção da Universidade na cidade-tão actual, tão do nosso tempo que desposaria as grandes questões tais como elas surgem aos homens e às mulheres de hoje.

E porquê? Não me basta uma piedosa intenção de serviço à sociedade. Não é uma injunção moral que, do seu lugar de cristãos, os universitários católicos fazem à Universidade. Como todas as outras instituições, a universidade pertence ao aqui e agora em que experimentamos a nossa parcela de eternidade nesta terra.

Um livro editado pela John Hopkins University o ano passado tem como título "The responsive University" ('a universidade que é resposta'). Nessa qualidade de resposta se insere o princípio 'responsabilidade' que o filósofo alemão Hans Jonas elaborou como o princípio ético do nosso tempo. Aí se encontra a primeira linha de força da Universidade ao serviço da cidade.

### Fundação Cuidar o Futuro

Mas aí descobrimos também, enquanto cristãos, que o Mistério da Encarnação não é uma ideia abstracta para festejar com presépios e árvores de Natal e para transformar o maior acontecimento do mundo na chamada festa da família. O mistério da encarnação é tentar como Cristo entrar na história num tempo dado e com esse tempo fazer a nossa história pessoal e a história da sociedade, do mundo em que vivemos.



## II - A CULTURA DA UNIVERSIDADE COMO PRÁTICA DA TRANSDISCIPLINARIEDADE

A própria abordagem dos problemas tem de sofrer uma radical transformação. Até ao séc.XX - ou melhor até ao advento da teoria dos sistemas - os princípios orientadores eram a separação, a distinção entre as partes para chegar ao conhecimento do todo.

Os problemas da cidade deixaram de ser problemas isolados, de fronteiras bem definidas. As relações de causa a efeito deixaram de ser biunívocas para se tornarem num feixe de múltiplas relações causais. Esta característica de feixe supõe que os saberes se interpenetram, só nessa relação podem ser interpretados e estudados.

Estive nas últimas semanas nos Estados Unidos. Participei numa sessão de trabalho do Instituto Synergos (da palavra grega sinergia) de ~~Fundação Conselho Consultivo Internacional~~ *Fundação Conselho Consultivo Internacional* faço parte. A nossa tarefa consistia na preparação de um evento organizado todos os anos nas Nações Unidas e a que chamamos UNIVERSITY FOR A NIGHT. Durante uma noite, após uma sessão plenária, todos os participantes jantam à volta de mesas-redondas de 12 pessoas em que duas pessoas especialmente competentes no tema dessa mesa discutem com todas as outras o problema que lhes cabe. É sempre um sucesso. Sente-se no fim do serão que se aprendeu imenso - porque o tema interessa mesmo quem se reuniu à volta daquela mesa, porque se cruzam perspectivas vindas de lugares, saberes e experiências muito variados, porque os peritos escolhidos para cada mesa são pessoas que elaboram uma reflexão teórica sobre e a par da sua experiência. E dei comigo a pensar se aquilo que poderá

parecer pretencioso - chamar UNIVERSIDADE a um serão - não tem afinal os ingredientes que gostaríamos de ver na Universidade.

O paradigma que caracteriza hoje o tratamento do saber é o princípio da transdisciplinariedade. Como diz Michel Rando "a ciência é uma questão posta à natureza e não uma maneira de reduzir a natureza à ciência". Grandes colóquios realizados ao longo das últimas décadas ilustram a rutura com a ideologia cientista e determinista da modernidade.

Obviamente o que é transdisciplinar não existe sem as disciplinas e os processos que as legitimam. Mas, como diz Edgar Morin, *"as disciplinas são perfeitamente justificadas intelectualmente com a condição de guardarem um campo de visão que reconheça e conceba a existência de ligações e solidariedades"*.

Vemo-nos paradoxalmente no que já dizia Pascal:

*"todas coisas sendo ao mesmo tempo causadas e causadoras, ajudadas e ajudando, mediatas e imediatas, e todas apoiando-se umas às outras por um laço natural"*